VII CIPSI
VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA UEM
06 a 08 de junho de 2018
Teatro Calil Haddad / Campus UEM
Maringá - PR
PSICOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E DESAFIOS EM TEMPOS SOMBRIOS
ISSN 1679-558X

CONSIDERAÇÕES SOBRE A "ADULTIZAÇÃO" DA INFÂNCIA NA CONTEPORANEIDADE

Débora Kelly Duarte da Silva* (Programa Institucional de Iniciação Científica, Graduação em Psicologia, Faculdade Cidade Verde, Maringá-PR, Brasil); Isabella Karen Borges dos Santos* (Programa Institucional de Iniciação Científica, Graduação em Psicologia, Faculdade Cidade Verde, Maringá-PR, Brasil); Mauricio Cardoso da Silva Junior (docente do curso de Psicologia da Faculdade Cidade Verde, Maringá-PR, Brasil).

contato: deborakellyduarte@gmail.com

Palavras-chave: Adultização. Infância. Psicologia.

Introdução

Neste trabalho buscamos compreender como se encontra configurada a infância na contemporaneidade, discutindo, mais especificamente, sobre um fenômeno o qual denominamos de "adultização", a dizer, a inserção precoce da criança na vida adulta. Esta inserção pode ocorrer de diferentes formas, dependendo do contexto sócio-cultural, e pretendemos discutir seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil.

Desde Ariès (2012) sabemos que o conceito de infância foi historicamente constituído, havendo períodos na história ocidental (mais especificamente na Idade Média) nos quais inexistia o "sentimento de infância", ou seja, a compreensão de que a criança possui certas especificidades, necessidades e particularidades próprias de sua etapa de desenvolvimento. Do século XIII ao século XVII, as formas de se enxergar a criança foram paulatinamente se transformando, mas foi somente a partir do século XVIII, com as transformações sociais, políticas e econômicas, que as crianças deixaram de ser consideradas "adultos em miniatura" ou seres sem grande importância para ocuparem um papel significativo no seio das famílias, passando a ser alvo de ações por parte dos educadores e pedagogos.

Segundo Bruns (2016), pode-se entender adultização como a diminuição das divisões entre a infância e adolescência, aglutinando-as ao mundo adulto e desajustando os modos de ser da criança e adolescente. Isso se manifesta, segundo a autora, quandoos discursos, conversações, vestimentas e costumes infantis se tornam, muitas vezes, comuns às praticas dos adultos.

A partir da perspectiva de Bruns (2016), de que o fenômeno da adultização tem ocorrido, sobretudo, nas últimas décadas, nos lançamos nesta pesquisa, buscando compreender como o

ISSN 1679-558X

mesmo tem afetado as crianças, de que forma ocorre, suas causas e consequências para o psiquismo em formação, e, mesmo, se demanda alguma reformulação nas definições do conceito de infância.

Para tanto, buscamos livros e artigos a partir da combinação de palavras-chave como "infância", "contemporaneidade", "psicologia", "pós-modernidade", "adultização", entre outras. Buscamos estabelecer, a partir da discussão dos autores, um panorama sobre a infância na atualidade, com foco na problemática proposta nesta pesquisa, evidenciando possíveis divergências e pontos em comum existentes entre os autores.

O que apresentamos nesta comunicação concerne aos resultados a que chegamos até o momento. Convidamos o leitor a nos acompanhar em nossos resultados preliminares e discussões, que seguem abaixo.

Infância e adultização

Como já mencionamosa infância, tal como conceituamos hoje, foi construída ao longo dos séculos, de acordo com o contexto histórico. Segundo Ariès (2012), após um período no qual a infância não era reconhecida pelo meio social, em partes devido aos altos índices de mortalidade infantil, foi a partir do século XVII que esta fase do ciclo vital recebera uma importância maior, passando a ser alvo de atenção da família (por meio da paparicação, por exemplo) e de cuidados com sua saúde e educação por parte da ciência da época. A separação entre os universos da criança e do adulto passou a ser mais evidente no século XIX, sobretudo pela escolarização.

Para Castro (2002), neste processo de mudanças sociais culturais o próprio conceito de infância também passou por modificações. As necessidades psicológicas, as emoções, o modo de interagir com o mundo, de pensar, de reproduzir seus pensamentos, como devem ser ensinadas, educadas etc., passaram a ser objetos de estudo e da atenção por parte do universo adulto.

Quando a infância passou a ser alvo da ciência, segundo Coll, Marchesi e Palácios (2004), começou-se a tentar estipular uma medida desse período, e, ao mesmo tempo, em medidas para se barrar interferências que pudessem impedir seu desenrolar natural. Para tanto,

ISSN 1679-558X

foram introduzidos métodos educacionais, horários, definições de conteúdos apropriados, lugares e modos próprios de se direcionar e se relacionar com a criança.

Na contemporaneidade, esta delimitação entre o universo infantil e o adulto, construída ao longo dos séculos, tem se tornado cada vez menos nítida. De acordo com Nunes e Araújo (2016), este fenômeno tem sido impulsionado pelas campanhas publicitárias direcionadasàs crianças, por exemplo, em campanhas de produtos de beleza especialmente para meninas, inserindo-as precocemente nas exigências e preocupações para com o cumprimento dos ideais de beleza. Tratando as crianças enquanto consumidoras e fazendo com que o público infantil deseje o que está sendo veiculado nas mídias, as autoras vislumbram que ocorre, aí, o fenômeno da "adultização". No entanto, pela precocidade com que são inseridas nas relações de consumo, afirmam as autoras que a criança, não possuindo idade e maturidade suficientes para saber exatamente senecessita de tais produtos, isso não significa que a criança saiba o que está havendo: apenas reproduz o comportamento que lhe é demandado pelo meio, como se fosse "obrigada" a aderir a tais atitudes.

Já Postman (1999) argumenta que os tempos hodiernos trouxeram o desaparecimento do conceito existente de infância, ou que nossa concepção atual está em decadência.Segundo o autor, isso se deve em grande parte pela massificação dos meios de comunicação, sobretudo televisivo, que divulga conteúdos para atingir grandes públicos, sem distinção de idade ou grau de maturidade: os adultos são infantilizados e as crianças adultizadas. Os comerciais televisivos que contém crianças são apresentados de uma forma que não se percebe a criança como tal, mas sim como um "adulto em miniatura", dissolvendo as fronteiras entre os universos infantil e adulto. Postman (2002) relata, como exemplo, um comercial de sabonete que circulava na mídia internacional, no qual eram exibidas mãe e filha e só era possível diferenciá-las pelo fato de uma ser menor e a outra maior, já que utilizavam roupas, acessórios e até maquiagem parecidos. Para o autor, a cultura ocidental seria hostil à infância, por isso sua descaracterização atual.

Castro (2002) nos apresenta outro ponto de vista. Afirma que, ao contrário do que afirmam os discursos sobre a "morte da infância" na contemporaneidade, essas questões atuais não demonstram uma "infância acabada", mas sim de uma nova configuração de infância. As transformações econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas trouxeram outras formas de se vivenciar e interagir com o mundo, por meio de crianças mais ativas e competitivas com os

ISSN 1679-558X

adultos no que diz respeito a bens de consumo. Segundo a autora, os adultos e as estruturas sociais não se deram conta dessas transformações, causando certa estranheza por parte das gerações passadas que atribuíam à infância suas nostalgias, além de suas próprias definições de infância, que seriam, por exemplo, relacionadas à despreocupação com as obrigações, ingenuidade, passividade, dentre outras, trazendo assim a ideia de que esses novos aspectos contemporâneos não fazem parte do que imaginam ser a infância.

Pois bem, após esta breve apresentação de alguns argumentos relacionados tanto à construção do conceito de infância quanto às suas transformações na contemporaneidade por meio do fenômeno da adultização, é hora de realizarmos algumas considerações sobre o que foi possível refletir a partir dos autores pesquisados.

Considerações Finais

Até o momento de nosso trabalho, podemos afirmar que a infância não se caracteriza como uma fase do desenvolvimento humano estática, mas que ganha diferentes contornos de acordo com o momento histórico, o meio social e a cultura na qual a criança está inserida.

Sendo assim, se até a Idade Média a infância praticamente inexistia e se encontrava um tanto mista ao mundo adulto, como demonstra Ariès (2012), as diferentes transformações que a sociedade ocidental sofrera ao longo dos séculos trouxeram outros contornos ao conceito de infância. Porém, apesar disso, notamos que a infância atual continua a caminhar em uma linha tênue com o universo adulto, apesar de todas as formas de proteção a essa fase que contamos atualmente, por meio de legislações, políticas públicas e atuações de profissionais – entre eles o psicólogo.

Notamos que, em torno do assunto, não há consenso entre os teóricos e estudiosos da área. Se há autores que pensam que a infância está desaparecendo, mesclando-se ao mundo adulto precocemente, há outros que afirmam que a infância continua "viva", mas com outras configurações, desenhadas pelos novos tempos. Mas em um ponto todos parecem concordar: a infância não é a mesma que habitava o imaginário adulto de décadas atrás: seja pela sua inexistência, seja por sua nova forma de expressão e interação com o mundo.

Os autores concordam também que essas transformações se deram, em grande parte, pela força das mídias de massa. Todos mencionam que, de alguma forma, a inserção precoce da criança no universo do consumo atua fortemente para os novos arranjos desta fase do desenvolvimento.

Como mencionamos anteriormente, nossa pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento, e ouros autores serão inseridos nessa nossa proposta de diálogo em torno da adultização. Novas questões, reflexões e ópticas poderão ser vislumbradas no decorrer da pesquisa. Há ainda perguntas que buscam resposta, tais como: se a adultização contemporânea está associada com o desenvolvimento do capitalismo, que torna todos nivelados pela sua capacidade de consumo, como seria possível pensar na superação deste fenômeno? Quais os problemas que este fenômeno pode efetivamente trazer ao desenvolvimento de uma criança? Qual o papel do psicólogo frente às novas configurações da infância? São questões que tentaremos responder ao longo do desenvolvimento de nosso trabalho.

Referências

Ariés, P. (2012). *Historia social da criança e da família*. (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: LTC.

Bruns, M. A. T. (2016). A mídia e a adultização/erotização da infância e da adolescência. In A. M. C. Leão, & L. R. Muzzeti (Orgs.), *Perspectivas, práticas e reflexões educacionais*. (pp. 243-264). São Paulo: Cultura Acadêmica.

Castro, L. R. (2002). A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista, 8* (11), 47-58.

Coll, C., Marchesi, A., & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed.

Nunes, M., & Araújo, N. (2016). A exposição infantil em vídeos de beleza: erotização da infância em favor do consumismo. *Temática, 12* (1), 168-182.

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.